

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 
LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

“TO COM CACHET”: AS EVENTUAIS CABANAS SUBTERRÂNEAS DO RECINTO DE FOSSOS DO PORTO TORRÃO

Filipa Rodrigues¹

RESUMO

A intervenção arqueológica realizada no recinto de fossos do Porto Torrão, durante o biénio de 2009-2010, revelou várias centenas de estruturas negativas circulares (Santos *et alii*, 2015). No designado Sector 3 Este do Porto Torrão, as estruturas negativas tendencialmente circulares ultrapassaram a meia centena, tendo-se identificado diferentes tipologias, hipoteticamente relacionadas com diferentes utilizações desses espaços. Neste artigo pretende-se apresentar alguns exemplos destas estruturas, cujas características remetem para um eventual uso residencial. Esta hipótese interpretativa é alcançada através de um trabalho comparativo entre as estruturas supramencionadas, as designadas *pithouses*, e as inquestionáveis cabanas pré-históricas em positivo que são (re)conhecidas no SW Peninsular, revelando um aproveitamento semelhante entre soluções arquitetónicas distintas.

Palavras-chave: Porto Torrão, Cabanas subterrâneas, SW Peninsular.

ABSTRACT

Porto Torrão is one of the largest sites of Southwest Iberia, which was extensively excavated in 2009-2010. Several pits were excavated inside and outside the enclosed areas. This paper will discuss a particularly type of pits structures, which might be considered dwellings.

Keywords: Porto Torrão, Subterranean hut, SW Iberia.

1. INTRODUÇÃO

Os grandes recintos de fossos do SW da Península Ibérica, tais como o Porto Torrão, Valencina de la Concepción ou Marroquíes Bajos, estão invariavelmente associados à presença de estruturas negativas tendencialmente circulares, situadas quer na sua área perimetral interna e externa quer na sua área central. A interpretação destas estruturas e dos seus depósitos de preenchimento têm proporcionado vários debates centrados na sua funcionalidade, estando as diferentes hipóteses teóricas associadas às diferentes visões sobre o significado dos recintos de fossos, para as sociedades que os construíram, utilizaram e abandonaram.

Numa breve revisão da bibliografia disponível, verifica-se que, num primeiro momento, estas estruturas foram interpretadas como contentores pa-

ra armazenamento de cereais – silos – que atestavam o incremento da produção cerealífera num determinado local e a consequente acumulação do excedente produzido.

Contudo, porque esta explicação não se adequava a outras estruturas morfológicamente semelhantes, mas com características particulares, entre as quais se incluem as dimensões, alguns investigadores admitiram a possibilidade da sua utilização como estruturas residenciais semi-subterrâneas, enquadrando esta hipótese interpretativa numa perspetiva mais alargada, de cariz funcionalista, que define os recintos de fossos como marco-aldeias (Zafra de la Torre, Hornos Mata, & Castro López, 1999).

Outras leituras mais recentes, têm contestado os modelos previamente delineados quer para este tipo de sítio quer para este tipo de estruturas: os recintos de fossos não são lugares residenciais, mas sim lu-

1. Crivarque, Lda.; Uniarq, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; STEA, Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia; frodrigues@crivarque.net

gares onde se “[...] desarrollaban encuentros o agregaciones condenadas a no perdurar, y en los caules acaecía un amplio rango de actividades” (Márquez Romero & Jiménez Jáimez, 2010:485). Deste ponto de vista, as estruturas negativas em apreço não só não são cabanas semi-subterrâneas, como também não são silos, devido: 1) ao facto de nos depósitos de preenchimento não serem reconhecidas evidências do indicador direto da prática da agricultura (i.e. grãos e sementes); e, 2) ao facto de se identificarem deposições estruturadas no seu interior, designadamente enterramentos humanos e animais, entre outras. Assim, nesta nova abordagem às sociedades dos finais do 4.º/ inícios e meados do 3.º milénio a.n.e., admite-se que os grupos construtores dos recintos de fossos “[...] pudieron no ser campesinos, en el sentido que pudieron no ser sedentários, ni tener una economia centrada en el trabajo de los campos agrícolas (Márquez Romero & Jiménez Jáimez, 2010: 479).

O presente artigo pretende dar um contributo para a interpretação das estruturas negativas tendencialmente circulares, através da divulgação dos dados empíricos provenientes do Sector 3 Este do recinto de fossos do Porto Torrão, recuperando uma das hipóteses interpretativas já mencionadas: o da utilização de algumas destas estruturas negativas como estruturas habitacionais/residenciais.

Pretende-se assim, testar os dados empíricos das características arquitetónicas de três estruturas identificadas no Sector 3 Este do Porto Torrão, num modelo pré-concebido, procurando paralelos quer em arquiteturas conhecidas noutras regiões do mundo quer nas características das indiscutíveis cabanas do Calcolítico regional.

2. O SECTOR 3 ESTE

O Sector 3 Este do Porto Torrão localiza-se na margem esquerda da Ribeira do Vale do Ouro e corresponde a uma área perimetral do sítio arqueológico, facto assegurado pela identificação do sistema de fosso duplo que delimita o recinto.

Trata-se de um sector com cerca de 350m de extensão e 6m de largura, cujos limites obedeceram aos critérios definidos pelo projeto de construção do *Bloco de Rega de Ferreira* (EDIA, S.A.), e não por outros objectivos arqueológicos que não a salvaguarda do património na área de implementação do projeto supramencionado.

Numa fase prévia aos trabalhos de escavação arqueológica, procedeu-se à remoção mecânica de todo o horizonte agrícola recente, o que permitiu reconhecer, de imediato, diversas estruturas/níveis arqueológicos, que remetiam para dois períodos cronológicos distintos: Pré-História e Alta Idade Média.

Assim, de acordo com o que era observável à superfície, subdividiu-se todo o Sector em sete áreas distintas, organizadas no sentido E-W, numa lógica de “exterior” para “interior” do recinto. Assim, a Área 0 corresponde a uma área extra-recinto, ou seja, a uma área localizada fora dos limites definidos pelo sistema de fosso duplo, e as áreas de 1 a 6 correspondem a uma zona intra-fossos. (Figura 1)

Nestas áreas foram identificadas e escavadas cerca de meia centena de estruturas negativas tendencialmente circulares, cujos preenchimentos podem ser enquadrados em períodos cronológicos diversos.

A partir da análise das características tecnológicas e tipológicas da cultura material, considera-se que os preenchimentos das estruturas negativas tendencialmente circulares poderão ter ocorrido durante todo o 3.º milénio a.n.e, o período campaniforme e a Idade do Bronze, não se sabendo, contudo, se estas ocupações foram contínuas ou se terá havido hiatos entre elas.

Entre estas estruturas negativas pré-históricas, foram igualmente identificadas e escavadas estruturas morfológicamente semelhantes, mas com preenchimentos atribuíveis ao período Alto Medieval (inícios/meados do século IX), de acordo com as características dos artefactos recolhidos no seu interior (Lopes, 2011).

Numa leitura genérica à estratigrafia do Sector 3 Este, deve-se salientar a existência de uma truncatura linear na sequência do sítio, que é visível no perfil de todo o sector. Este corte abrupto na sequência estratigráfica, ocorreu, certamente, num período pós ocupação medieval, uma vez que é visível o impacto direto nas estruturas desta cronologia. Tal facto, permite especular sobre a eventual relação deste evento com o início da mecanização da agricultura na região.

3. AS ESTRUTURAS NEGATIVAS (EN) EM ANÁLISE

Para o cumprimento do objectivo proposto neste artigo, seleccionaram-se três estruturas negativas circulares, que podem ter funcionado como estruturas residenciais.

Estas três estruturas, que serão de seguida brevemente descritas, localizavam-se nas áreas 0, 3 e 5, tendo cada uma delas características morfológicas distintas.

3.1. Área 0: Sondagem 12

A Sondagem 12 foi implantada num local onde havia sido reconhecida, após a decapagem mecânica dos solos agrícolas, uma interface no afloramento local – caliços – preenchida com sedimentos que embalavam materiais pré-históricos.

A escavação dessa interface revelou uma estrutura negativa, com uma planta em “8”, detendo, cada “boca”, paredes e perfis distintos.

No que respeita às dimensões, cada “boca” apresenta diferentes tamanhos, havendo uma mais pequena, que poderia ser descrita como um alvéolo, e uma outra abertura, de maiores dimensões, que corres-

ponde à estrutura negativa propriamente dita.

Se a “boca pequena” tende para uma morfologia elipsoidal, a “boca grande” tem uma morfologia muito regular, tendencialmente circular. Ambas as “bocas” estão unidas através de um pequeno “corredor” linear que interrompe o diâmetro de abertura de cada uma delas. A linearidade deste “corredor” permite dizer que esta estrutura tem uma orientação NW/SE.

As reduzidas dimensões de uma abertura comparativamente à outra, quer no que respeita ao diâmetro quer no que respeita à profundidade, faz supor que a “boca pequena” terá funcionado como uma espécie de “átrio” em relação à maior, e que terá sido nesta última que se desenvolveram todas as atividades que levaram à sua construção (independentemente da sua natureza).

Sondagem 12					
Designação	Paredes	Fundo	Perfil	Dimensões (m)	
				Dm. (topo/base)	Pf.
“Átrio”	Inclinadas	Plano	Tendencial/ em “U”	c. 1,45	c. 0,45
Estrutura Circular	Introvertidas	Plano	Troncocónico	c. 2,75/ c. 3,30	c. 1,40

Tabela 1 – Características morfológicas e métricas da estrutura identificada na Sondagem 12, da Área 0 (Dm. = Diâmetro; Pf. = Profundidade).

(Figura 2)

Do ponto de vista estratigráfico, identificaram-se várias unidades de enchimento desta estrutura, eventualmente correlacionadas com diferentes processos de formação do registo arqueológico, que, aparente-

mente, aconteceram em diferentes momentos, embora no mesmo patamar cronológico e cultural. Assim, numa lógica inversa à da formação do registo arqueológico, ou seja “de cima para baixo”, verificou-se a seguinte sequência estratigráfica:

UEA	Tipo	Descrição	Relações UEA	Interpretação/Cronologia
[30039]	S.	Sedimento siltoso, castanho claro, medianamente compacto, que preenche ambas as bocas da estrutura;	Sobre [30040]	Preenchimento da estrutura negativa
[30040]	S.	Sedimento siltoso, de coloração amarela, com poucos materiais arqueológicos; a sua composição é idêntica ao caliço correspondente ao afloramento local; presente somente na estrutura circular, junto ao interface com o “átrio”.	Sobre [30050]	Desagregação/Abatimento das Paredes”
[30050]	S.	Depósito negro, com alguns carvões, que ocupa a parte Sul da estrutura negativa, apresentando uma morfologia oval.	Sobre [30057]	Área de Combustão
[30057]	S.	Depósito areno-siltoso, de coloração amarela, medianamente solto, com alguns nódulos de caliço.	Sobre [30064]	Nível de abandono

Tabela 2 – Descrição sucinta das UEA documentadas na Sondagem 12 (UEA = Unidades Estratigráficas Arqueológicas; S.= Sedimento; E. = Estrutura).

Tabela 2 (Continuação)

[30064]	S.	Depósito castanho escuro, siltoso, com carvões, solto, que ocupa os quadrantes SW e NW da sondagem.	Sobre [30067]	Limpeza de área de combustão?
[30067]	S.	Depósito siltoso, amarelo-esverdeado, na base da estrutura negativa, no qual foram recolhidos recipientes cerâmicos com os perfis inteiros.	Sobre [30079]	Nível de abandono
[30079]	E.	Estrutura negativa de planta em “8”	–	Estrutura negativa Pré-histórica

A partir da sequência estratigráfica acima descrita, realizou-se uma leitura da formação do registo arqueológico faseada em três momentos distintos:

- 1.^a Fase: Nível de abandono da estrutura, com alguns elementos da cultura material, designadamente, cerâmica utilitária e área de combustão ([30067]; [30064] [30057] e [30050]);
- 2.^a Fase: Desagregação e abatimento das paredes, que deverá ter ocorrido devido a processos não culturais, com origem nas condicionantes naturais e ambientais ([30040]);
- 3.^a Fase: Colmatação da estrutura, com depósitos eventualmente provenientes de processos de erosão dos solos de ocupação existentes à superfície, o que explica a quantidade de artefactos e a desorganização interna da sua deposição, por oposição às UEA inferiores ([30039]).

Esta subdivisão por fases considerou, de igual forma, a presença/ausência da cultura material e a sua disposição ao longo da estratigrafia. Assim, verificou-se uma alternância entre a abundância e a escassez de artefactos, conforme as UEA escavadas. Se no topo da estrutura os materiais eram em grande número, nos níveis intermédios, de desagregação/abatimento das paredes, a redução da sua presença foi significativa, para voltarem a ser muito abundantes nos níveis de base. Nesta alternância elevado/escasso/abundante, verificou-se igualmente um aumento do tamanho dos fragmentos cerâmicos – que remete para um padrão de fragmentação menor relacionado com a profundidade do contexto – e uma tendência proporcional para a horizontalidade dos objetos. Aliás, no nível de base da estrutura circular, recolheram-se fragmentos cerâmicos com os seus perfis intactos, entre os quais constavam as formas típicas do calcolítico regional: taças, pratos de bordo espessado (almendrado) e fragmentos de grandes contentores de armazenagem. Estes níveis de base foram interpretados como níveis de abandono da estrutura.

3.2. Área 3: EN LI

A EN LI corresponde a uma estrutura negativa circular de grandes dimensões, implantada na Área 3, ou seja, numa área intra-fossos, e ocupava as quadrículas M, N, O. 40,41,42, 43.

Do ponto de vista morfológico, esta estrutura apresentava paredes introvertidas, fundo plano e perfil troncocónico. O diâmetro da sua abertura era de c. 4,90m, detendo na base 5, 60m. A sua profundidade era de c. 2,10m, a partir do topo da estrutura.

Esta estrutura apresentava uma característica peculiar: uma interrupção na interface ao nível da superfície topográfica correspondente ao “nível de circulação” pré-histórico, orientada a SW, que pode corresponder ao local que permitia aceder ao seu interior – “entrada”.

Ao contrário da estrutura anteriormente descrita, a EN LI não era visível imediatamente à superfície. A delimitação da sua interface foi conseguida apenas com a escavação de uma camada sedimentar com c. 0,50cm de potência, que ocupava toda a Área 3, e que foi interpretada como um horizonte de solo ([33011]). Aparentemente este horizonte de solo formou-se num momento pré-ocupação medieval, tendo-se identificado uma estrutura negativa circular desse período escavada nesta unidade sedimentar.

A partir do momento em que foram identificados os limites da sua interface, foi identificada uma sequência estratigráfica, que variou entre ocupação/abandono/desagregação da estrutura/reocupação, sendo que na origem desta variabilidade da formação do registo arqueológico estão processo culturais e não-culturais.

Entre os processos culturais, salienta-se a presença de uma estrutura de combustão identificada no topo da estrutura negativa, que detinha uma morfologia tendencialmente oval, com as seguintes dimensões: c. 2,60m de comprimento por 1,60m de largura ([33025] e [33026]). Junto à estrutura de combustão, e associado a esta, identificou-se um vaso campaniforme “marítimo” linear, que permite afirmar que

a estrutura negativa já estaria completamente preenchida durante esta etapa cronológica e cultural, não sendo possível aferir, por agora, se esse preenchimento terá ocorrido no mesmo lapso temporal. Ainda no quadro dos processos culturais de formação do registo arqueológico, aponta-se igualmente a primeira fase de enchimento da estrutura, junto à sua base ([33035]), onde foram identificados três enterramentos de canídeos e fragmentos de três grandes contentores de armazenagem, dois deles com c. de 1m de altura e 1m de diâmetro, assim como al-

guns elementos de mó (dormentes) elaborados sob uma rocha granitoide..

Já no que respeita aos processos não-culturais, considera-se importante referir os enormes abatimentos de desagregação ou (1) das paredes de caliço, ou (2) de uma cobertura, se consideramos que poderia ter uma morfologia tendencialmente abobadada. Assim, numa lógica inversa à da formação do registo arqueológico, ou seja “de cima para baixo”, a sequência estratigráfica observada foi a seguinte:

UEA	Tipo	Descrição	Relações UEA	Interpretação/Cronologia
[33020] = [33021]	S.	Sedimento castanho escuro, siltoso, macio, localizado nas quadrículas M-O/ 37-42.	Sobre [33025], [33030], [33031] e [33032]	Horizonte de Solo
[33025]	S.	Sedimento castanho acinzentado, sitoso, que surge nas quadrículas N,O/ 40, 41, de planta irregular, mas tendencialmente oval; embala vários materiais arqueológicos, tais como: “barro de cabana”, fauna, fragmentos de cerâmica, termoclastos...	Sobre [33026]	Topo de estrutura de combustão
[33026]	E.	Empedrado constituído por termoclastos de quartzito (seixos), gabro e xisto, com presença acentuada de fragmentos rolados de caliço; encontrava-se envolto pela [33025], e continha igualmente fragmentos de “barro de cabana”, cerâmica e fauna.	Sobre [33020]	Estrutura de combustão
[33029] = [33030]	S.	Blocos de caliço	Sobre [33035]	Abatimento das paredes e de eventual cobertura da EN LI
[33035]	S.	Sedimento castanho, siltoso, macio, homogéneo e de geometria tabular. Apresenta inúmeros fragmentos de recipientes de armazenagem, assim como três enterramentos de canídeos, tendo um deles sido apenas parcialmente escavado, uma vez que se encontrava junto ao Corte Norte. Foi subdividida em 3 níveis artificiais, cujos artefactos e ecofactos foram coordenados tridimensionalmente.	Sobre [33043]	Nível de abandono da estrutura?
[33043]	E.	Estrutura negativa de planta circular	–	Estrutura negativa;

Tabela 3 – Descrição sucinta das UEA documentadas na EN LI (UEA = Unidades Estratigráficas Arqueológicas; S.= Sedimento; E. = Estrutura).

A partir da sequência acima descrita, considera-se a existência de quatro fases de preenchimento da estrutura, a saber:

- 1.ª Fase: Nível de abandono da estrutura, com o enterramento estruturado e deliberado de três canídeos, topograficamente associados a três grandes contentores de armazenagem e elementos de mó, não se percebendo, contudo, se todas as deposições são contemporâneas ou se, por exemplo, o enterramento de canídeos foi

efetuado em época posterior ([33035]);

- 2.ª Fase: Desagregação e abatimento das paredes, que poderão ter ocorrido devido a processos não culturais, com origem nas condicionantes naturais e ambientais ([30029] = [33030]);
- 3.ª Fase: reocupação de parte da área da estrutura, com elaboração de uma estrutura de combustão de grandes dimensões ([33026]);
- 4.ª Fase: Colmatação da estrutura, com depósitos eventualmente provenientes de processos

de erosão dos solos de ocupação existentes à superfície ([33020] = 33021).

A EN LI não foi integralmente escavada, devido ao facto dos seus limites ultrapassarem os limites definidos para o projeto de implementação do sistema de rega.

3.3. Área 5: EN XXXII

A EN XXXII implanta-se na Área 5 do Sector 3 Este, o que significa que detém uma posição mais próxima do centro do recinto conhecido na margem esquerda da Ribeira do Vale do Ouro, que as duas estruturas descritas anteriormente.

A EN XXXII ocupava as quadrículas M,N,O. 14, 15, 16 e possuía uma planta em “8”, com uma estrutura mais pequena, ovalada, que, à semelhança da estrutura identificada na Sondagem 12 da Área 0, parece servir de “átrio” ou “entrada” para a estrutura de maiores dimensões.

Se num primeiro momento, a escavação destas duas aberturas foi efetuada de forma individual, por, aparentemente, se tratarem de duas estruturas diferenciadas, foi com a dificuldade em perceber eventuais relações de anterioridade, que se assumiu que, ao contrário do que inicialmente se pensava, estava-se perante uma única estrutura.

De um modo genérico, o “átrio” apresentava pare-

des inclinadas e fundo côncavo, estando a sua interface interrompida a Norte, o que permitia a sua anexação à boca de maiores dimensões. As dimensões do “átrio” eram as seguintes:

- Diâmetro (topo/ base): c. 2,70m/ c. 2,10m;
- Profundidade: c. 1,00m.

A estrutura de maiores dimensões apresentava paredes introvertidas, fundo plano, com inclinação para Norte, e perfil assimétrico. Na sua morfologia geral, destaca-se uma particularidade: a existência de um “ pilar central”, modelado no afloramento local (caliço). Esta especificidade permite supor que a escavação original da EN XXXII, não foi, a partir de uma determinada profundidade, integral, tendo os seus construtores deixado propositadamente (?) uma saliência central, semelhante a um pilar.

No que respeita às suas dimensões, a EN XXXII detinha:

- Diâmetro (topo/ base): c.4,00m/ c. 5,00m;
- Profundidade: 2,80m.

Esta estrutura de maiores dimensões foi “cortada”, a Norte, por outra estrutura negativa circular, cujo preenchimento remete para uma cronologia alto-medieval.

No que respeita à estratigrafia, identificou-se a seguinte sequência:

UEA	Tipo	Descrição	Relações UEA	Interpretação/ Cronologia
[35021]	S.	Sedimento castanho escuro, que enegrece a NE; contem pequenos nódulos de caliço e xisto e alguns calhaus de gabro; é macio, com limites nítidos.	Sobre [35034]	Preenchimento da EN XXXII Calcolítico
[35034]	S.	Sedimento silto-arenoso, castanho claro, com algumas manchas castanho escuras e abundantes nódulos de caliço.	Sobre [35035] e [35036]	Preenchimento da [35044]
[35035]	S.	Sedimento castanho claro, que ocupa metade Oeste da estrutura, medianamente compacto	Sobre [35037]	Preenchimento da [35044]
[35036]	S.	Sedimento negro, com muito carvões, a sua textura é semelhante à [35035]	Sobre [35037]	Preenchimento da [35044]
[35037]	S.	Sedimento amarelo, com nódulos grandes de caliço, apresenta uma textura silto-argilosa e tem entre 5-10cm de potencia, arqueologicamente estéril.	Sobre [35039]	Abatimento das paredes; Calcolítico
[35038]	S.	Sedimento cinzento/ negro, siltoso, com manchas de argila avermelhada.	Sobre [35039]	Preenchimento da [35044]
[35039]	S.	Sedimento heterogéneo, de cor predominantemente castanho, muito argilosa, com grandes pedras de caliço (algumas com 20cm); alterna com lenticulas de carvões e cinzas de difícil definição, mas que se encontram predominantemente junto às paredes da interface, a par de manchas amarelas argilosas, com origem na desagregação das paredes.	Sobre [35042]	Preenchimento da [35044]

Tabela 4 – Descrição sucinta das UEA documentadas na EN XXXII (UEA = Unidades Estratigráficas Arqueológicas; S.= Sedimento; E. = Estrutura).

Tabela 4 (Continuação)

[35040]	S.	Manchas de cor negra, encostadas à parede da interface	Sobre [35039]	Preenchimento da [35044]
[35041]	S.	Manchas de cor negra, encostadas à parede da interface	Sobre [35039]	Preenchimento da [35044]
[35042]	S.	Sedimento siltoso, castanho claro, localizado na base da estrutura; macio.	Sobre [35044]	Preenchimento da [35044]
[35043]	S.	Sedimento argiloso, arqueologicamente estéril, localizado junto ao pilar central da estrutura;	Sobre [35044]	Correspondente a eventual abatimento do pilar
[35044]	E.	Estrutura negativa	–	–

Aparentemente, esta estrutura terá sido preenchida através de processos não-culturais, não se tendo reconhecido, no seu interior, nenhuma deposição estruturada que indicie acções deliberadas. Eventualmente, terá havido várias fases de preenchimento, no mesmo patamar cronológico e cultural, que, de momento, não são perceptíveis, muito embora a existência de diferentes níveis de carvões e cinzas apontem para a proximidade de uma área de combustão.

Salienta-se, no entanto, a desagregação das paredes da estrutura, num momento em que o seu preenchimento ainda estaria numa fase inicial.

Esta foi a única estrutura escavada no Sector 3 Este, com um “pilar central”. Contudo, no Sector 3 Oeste, cuja intervenção foi executada pela empresa Archeoestudos, foi escavada uma estrutura semelhante, havendo apenas uma distância de 50m entre elas (Santos, et al., 2014), o que pode indicar a existência de outras estruturas da mesma tipologia, na mesma área do recinto. Desta forma, o que parece ser um tipo de arquitectura excepcional, pode, na realidade, ser bastante comum, no mesmo sítio arqueológico.

4. SERÃO AS ESTRUTURAS NEGATIVAS DO SECTOR 3 ESTE DO PORTO TORRÃO ESTRUTURAS RESIDENCIAIS?

Para responder à pergunta acima elaborada, efetuou-se uma recolha dos dados existentes para outras estruturas que são indubitavelmente residenciais, e que detêm características que se assemelham às escavadas no Porto Torrão.

Devido ao facto das estruturas do Sector 3 Este do Porto Torrão serem subterrâneas, há, desde logo, o paralelo arqueológico e etnográfico das designadas *pithouses*, que devem ser consideradas numa análise desta natureza.

As estruturas em positivo que são interpretadas como “cabanas”, sem que haja qualquer linha de

investigação que se oponha a esta explicação, foram igualmente tidas em linha de conta.

Importa assim ver quais as características que definem as *pithouses* e as cabanas do Calcolítico regional.

4.1. Pithouses

De acordo com o trabalho desenvolvido por Gilman (1987), as *pithouses* são construções que estão documentadas em todo o mundo, quer do ponto de vista arqueológico quer do ponto de vista etnográfico.

Caracterizam-se pelo facto de serem escavadas nos afloramentos locais, não havendo qualquer profundidade que as defina, sendo aceitável que atinjam o 1,50m. São, por norma, estruturas não contíguas e sem divisão interna.

Do ponto de vista morfológico, podem deter uma planta circular, oval ou retangular, estando registados fundos planos ou côncavos, que podem ter ou não um “pisso” de preparação. Acima da estrutura escavada pode haver um muro que a delimita, reaproveitando o material escavado.

A sua cobertura é, regularmente, plana, e é conseguida através de matérias-primas leves, de origem vegetal. A entrada para o interior da estrutura é efetuada através de uma escada.

No seu interior pode haver uma lareira central, que aquece e ilumina a estrutura, sendo a ventilação efetuada através de uma abertura na cobertura.

Alguns trabalhos de arqueologia experimental permitiram reconhecer que as *pithouses* são bastante eficientes no que respeita ao isolamento térmico, mantendo o calor no Inverno e a frescura no Verão. Contudo, são casas com uma temporalidade reduzida, que podem atingir, no máximo, uma década.

A sua reutilização como necrópole, após o abandono, está igualmente documentada.

Do ponto de vista social, as aldeias compostas por *pithouses* não têm mais de 100 habitantes, não havendo qualquer distinção hierárquica entre eles ou, havendo, é baseada numa distinção “económica”

não hereditária. A existência de “chefes” é rara (Gilman, 1987).

4.2. As cabanas pré-históricas documentadas no Alentejo

São escassos os trabalhos de sistematização das características arquitectónicas das cabanas identificadas nos povoados calcolíticos do Alentejo.

Alguns trabalhos recentes, sobre as intervenções realizadas no âmbito da construção da Barragem do Alqueva, forneceram alguma informação nesse sentido. No povoado do Porto das Carretas, Soares (2013) identificou duas fases de ocupação distintas, nas quais foram escavadas estruturas residenciais, com significados sociais diferenciados.

Assim, na Fase I deste sítio, correspondente ao período calcolítico (2890-2580 cal AC a 1 sigma; 2920-2480 cal AC, a 2 sigma) foi identificada a Cabana P4, construída em alvenaria, que detinha c. 5,00m de diâmetro externo. Por oposição à fragilidade de eventuais estruturas residenciais destruídas, das quais apenas restou alguns vestígios de “barro de cabana”, Soares apresenta duas hipóteses interpretativas distintas para a Cabana P4: 1) é uma estrutura comunitária de armazenagem, eventualmente um celeiro, se for valorizada a presença de elementos de mó nas proximidades; 2) pode ser um símbolo de diferenciação do estatuto social, no seio da comunidade que ocupou o sítio.

Na Fase II, correspondente ao período campaniforme (2470-2200 cal AC, a 1 sigma; 2490-2130 cal AC, a 2 sigma), foi identificada a Cabana M3, com um diâmetro interno de 7,00m e externo de 8,00m, construída contiguamente a três torres. Nesta fase, o povoado seria aberto, o que remete a investigadora para um cenário onde existe um projeto arquitetónico “[...] intencionalmente monumentalizado” (Soares, 2013: 426). Neste contexto, a Cabana M3 é interpretada como uma residência fortificada.

Valera (2013), num estudo onde compila a informação recolhida em vários sítios escavados na margem esquerda do Guadiana, designadamente no Mercado, Porto das Carretas (supramencionado), Monte do Tosco 1, Moinho de Valadares, San Blás, Miguéns 3, elabora descrições exaustivas e quadros de referência para as estruturas circulares em positivo (cabanas e torres). Deste trabalho, importa referir os seguintes dados:

- a constatação inequívoca da circularidades das construções;

- as espessuras dos muros das cabanas e torres, compreendidas entre os 0,60m e 1,00m;
- os diâmetros das estruturas – entre 4 a 10m de diâmetro externo e entre 4 a 6m de diâmetro interno;
- existência de “buracos de poste” centrais;
- presença de estruturas de combustão (Valera, 2013).

4.3. Haverá uma resposta assertiva?

A leitura, quer dos dados recolhidos na análise arquitetónica das estruturas do Porto Torrão quer dos elementos que compõem as *pithouses* conhecidas, por exemplo, no SW americano, permite reconhecer características comuns, que remetem para uma eventual estratégia de utilização semelhante. Em ambos os casos, as estruturas são:

1. escavadas no afloramento;
2. tendencialmente circulares, com entradas ao nível da superfície topográfica, e fundo (chão) plano;
3. não-contíguas e sem divisões internas;
4. abandonadas, após um período de utilização.

A presença de áreas de combustão, no interior das estruturas do Porto Torrão, têm também correspondência na forma como as *pithouses* são utilizadas pelos seus construtores.

Já no que respeita às suas congéneres alentejanas – ou seja, no que concerne às cabanas reconhecidas em sítios cronologicamente datados do período calcolítico/campaniforme – identificam-se quatro características comuns:

1. a tendência para a circularidade;
2. as dimensões, designadamente os diâmetros;
3. o elemento central de suporte, se admitir-se a utilização do afloramento não escavado na EN XXXII como “pilar central”, desempenhado assim, a mesma função que os “buracos de poste” das cabanas “em positivo”;
4. a presença de estruturas de combustão.

Estas semelhanças entre soluções arquitetónicas distintas, permitem assumir que as estruturas negativas do Porto Torrão aqui descritas podem ter funcionado como estruturas residenciais.

Se as *pithouses* são funcionais como estruturas residenciais, porque não podem ser algumas das estruturas negativas identificadas nos recintos de fossos? Se as estruturas circulares com 5/6m de diâmetro, delimitadas por muros, são cabanas, porque é que não podem ser as estruturas negativas com as mes-

mas dimensões? Será o facto de umas serem construídas “em altura” e outras “escavadas na rocha” elemento diferenciador na função?

A já designada “revolução empírica” (Valera, 2008: 112), proporcionada pelos trabalhos de arqueologia preventiva/emergência no Sul de Portugal, alterou completamente o paradigma dos sítios pré-históricos que se conheciam até aos finais do século XX. Se até essa data, os sítios do final do Neolítico e do Calcolítico conhecidos no Alentejo, revelavam (i) estruturas de *habitat* precárias, constituídas por abrigos simples/cabanas mal estruturadas, e, (ii) cabanas integradas em complexos sistemas defensivos e/ou monumentais, a partir dos meados da primeira década do século XXI, começam a proliferar os recintos de fossos cronologicamente coevos, acompanhados de um “mundo em negativo” até então pouco conhecido. Repentinamente, as estruturas negativas que eram “a exceção”, passaram a ser “a normalidade”, e as estruturas “em positivo”, construídas em alvenaria, passaram a ser residuais no cômputo geral. Assim, questiona-se: onde vivem os grupos construtores de recintos? Onde vivem os grupos que construíram o sistema de fosso duplo do Porto Torrão? Nos pequenos povoados, com estruturas precárias? Ou no próprio recinto, onde se reconhecem estruturas que foram construídas para perdurar?

Apesar de neste artigo, não se apresentar um estudo sobre a cultura material identificada no preenchimento das estruturas negativas em apreço, pode-se afirmar, que a análise preliminar das formas cerâmicas presentes (correspondente ao grupo artefactual em maior número) enquadra-se nas coleções conhecidas nos “povoados” registados na mesma região. Os conjuntos cerâmicos registados na estrutura negativa identificada na Sondagem 12, na EN LI e na EN XXXII, aponta para um elevado grau de standardização das formas, o que demonstra, a par dos sinais de fogo nas suas superfícies, que se tratam de cerâmicas utilitárias usadas no dia-a-dia de uma comunidade que reside no local.

Contudo, algumas destas formas cerâmicas, surgem em contextos formados por processos culturais, de acordo com as descrições feitas previamente.

É esse o caso das deposições identificadas na base da Sondagem 12 e da EN LI. Serão essas deposições estruturadas a materialização de um uso simbólico/ritual dessa unidade?

No âmbito deste trabalho, a hipótese de uma depo-

sição estruturada, revestida de simbolismo, não é, de forma alguma, descartada. Pelo contrário, considera-se que estas terão existido e que a sua materialização faz parte do carácter residencial destas estruturas, na medida em que “[...] the house is an active participant in society just as human member of society is. [...] Thus, one may speak of the life-cycle of a house: a house is born, it lives, it dies, it is buried or cremated, and its spirit is remembered after its death” (Bailey, 1990:28).

Assim, considera-se que a existência de deposições estruturadas com origem no comportamento simbólico das comunidades que construíram, usaram e abandonaram as estruturas negativas associadas aos recintos de fossos, não anula o seu carácter residencial, nem elimina o uso permanente destes lugares. Prefere-se assumir, que o comportamento simbólico faz parte do quotidiano destas comunidades, que se regem, deste modo, por um “pacto regulador” reconhecido por todos os indivíduos.

Deste modo, respondendo assertivamente à pergunta que intitula este capítulo: sim, as estruturas negativas do Sector 3 Este do Porto Torrão podem ser estruturas residenciais.

5. PERSPETIVAS PARA TRABALHOS FUTUROS

A interpretação aqui apresentada não é aplicável a todas as estruturas identificadas e escavadas neste sítio arqueológico. As estruturas do Porto Torrão documentadas neste artigo foram, na realidade, distinguidas pelas suas características morfológicas e pelas suas dimensões, o que é manifestamente pouco para a atribuição de uma funcionalidade concreta para estas estruturas negativas. Muitos estudos complementares devem ser efetuados para se chegar a uma conclusão definitiva, se é que tal é possível.

A análise da cultura material, que deveria ter não só uma componente tipológica, mas também tecnológica, assim como a realização de datações absolutas, que permitam atribuir um intervalo de tempo para o seu preenchimento, são consideradas condições essenciais para uma base de trabalho fiável.

Embora a distribuição espacial dos artefactos seja, por vezes, desvalorizada neste tipo de contexto, considera-se, neste caso, fundamental para a percepção da formação do registo arqueológico.

Também a análise da coleção faunística e das amostras de carvão, designadamente das que foram re-

colhidas nas áreas de combustão identificadas, são fundamentais para a perceção das estratégias de subsistência destas comunidades.

Apesar do Porto Torrão ser um dos mais importantes sítios para o estudo da segunda metade do 4.º e de todo o 3.º milénio a.n.e., não tem havido qualquer apoio ou financiamento para a execução de um trabalho de investigação exaustivo, conforme estava previsto numa fase prévia à grande intervenção arqueológica realizada no biénio de 2009-2010.

Este trabalho, apresentado no âmbito de um congresso organizado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, constitui, não só uma forma de divulgação de alguns dos dados procedentes dessa intervenção, mas serve também de alerta para que as entidades tutelares unam esforços, para que as equipas, que durante largos meses trabalharam arduamente no campo para salvaguardar o património colectivo, possam dar continuidade ao seu trabalho, mas agora enquadrados no âmbito de um projeto de investigação devidamente financiado.

BIBLIOGRAFIA

GILMAN, Patricia (1987) – Architecture as artifact: pit structures and pueblos in the American Southwest. *American Antiquity*, pp. 538-564.

HIRST, Kris (07 de Novembro de 2016) – *What is a Pit House? – Winter houses for our Ancient Ancestors. What societies built their homes partly underground?* Obtido em 18 de Abril de 2017, de ThoughtCo: <https://www.thoughtco.com/what-is-a-pit-house-172088>

LOPES, Gonçalo (2011) – *Período Alto Medieval*, IN: *Relatório Final da Intervenção Arqueológica do Porto Torrão, exemplar policopiado*.

MÁRQUEZ ROMERO, José, & JIMÉNEZ JÁIMEZ, Victor (2010) – *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV -III milénios AC)*. Málaga: Universidad de Málaga.

RODRIGUES, Filipa (2014) – *Skeletons in the ditch: funerary activity in ditched enclosures of Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja)*. *Recent Prehistory Enclosures and Funerary Practices in Europe*. Oxford: Archaeopress, pp. 59-69.

SANTOS, Raquel, *et al.* (2014) – *Porto Torrão: resultados preliminares. 4.º Colóquio de Arqueologia de Alqueva. O plano de rega*. Beja: EDIA, S.A.

SOARES, Joaquina (2013) – *TRanformações e mudanças durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O Povoado do Porto das Carretas*. Beja: EDIA, S.A. – DRCALEN.

VALERA, António (2013) – *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana. 2.ª metade do IVa os inícios do II milénio AC*. Beja: EDIA, Empresa de desenvolvimento e infra-estruturas de Alqueva; DRCALEN – Direcção Regional de Cultura do Alentejo.

ZAFRA DE LA TORRE, Narciso, HORNOS MATA, Francisca, & CASTRO LÓPEZ, Marcelo (1999) – *Una macro-aldea en el origen del modo de vida campesino. Marroquíes Bajos, Jaén c. 2500-2000 cal ANE. Trabajos de Prehistoria*, 56: 1, pp. 177-102.

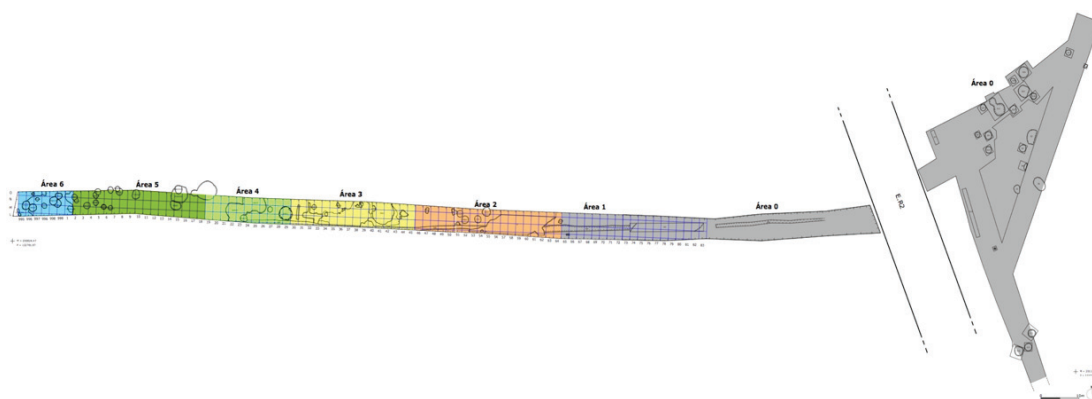


Figura 1 – Sector 3 Este: áreas escavadas com implantação das estruturas identificadas e sondagens realizadas . À excepção da Área Ø, todo o sector foi quadriculado com uma grelha de 2x2m, à qual foi atribuída um código alfanumérico, a partir do vértice SW de cada quadrícula, correspondendo o eixo S/N ao alfabeto e o eixo W/E aos algarismos. Devido ao facto dos vestígios arqueológicos identificados na Área Ø terem ocorrido durante o Acompanhamento Arqueológico, foram executadas sondagens de diagnóstico e não uma “escavação em área”, conforme o restante sector. Desta forma, foi atribuído um numero sequencial de sondagem (de 1 a 21), reconhecendo-se as estruturas identificadas pelo numero de sondagem.

(Levantamento topográfico: Pedro Souto/ Desenho: Joaquim Pinhão/ Filipa Rodrigues)

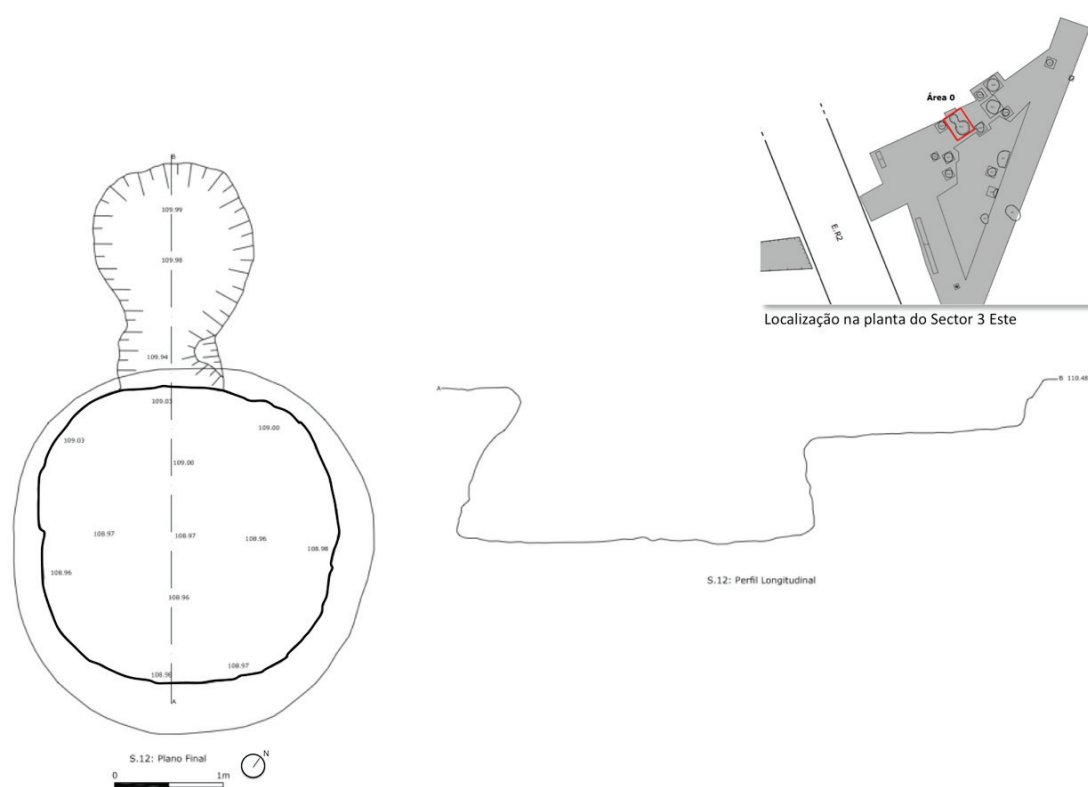


Figura 2 – Sondagem 12: planta final e perfil longitudinal da estrutura identificada, com indicação (em cima, à direita) da sondagem na Área 0 (Desenhos: Gonçalo Lopes / Joaquim Pinhão / Filipa Rodrigues).



Figura 3 – Evolução da escavação arqueológica da Sondagem 12: A. Topo da estrutura, aquando da sua identificação; B. Topo da [30039], já com as interfaces da estrutura definidas; C. Eventual área de combustão, a S. da estrutura e topo da [30057]; D. Base da estrutura com recipientes cerâmicos com perfis inteiros; E. Processo de escavação da fase final da estrutura identificada na Sondagem 12 (eventual nível de abandono).

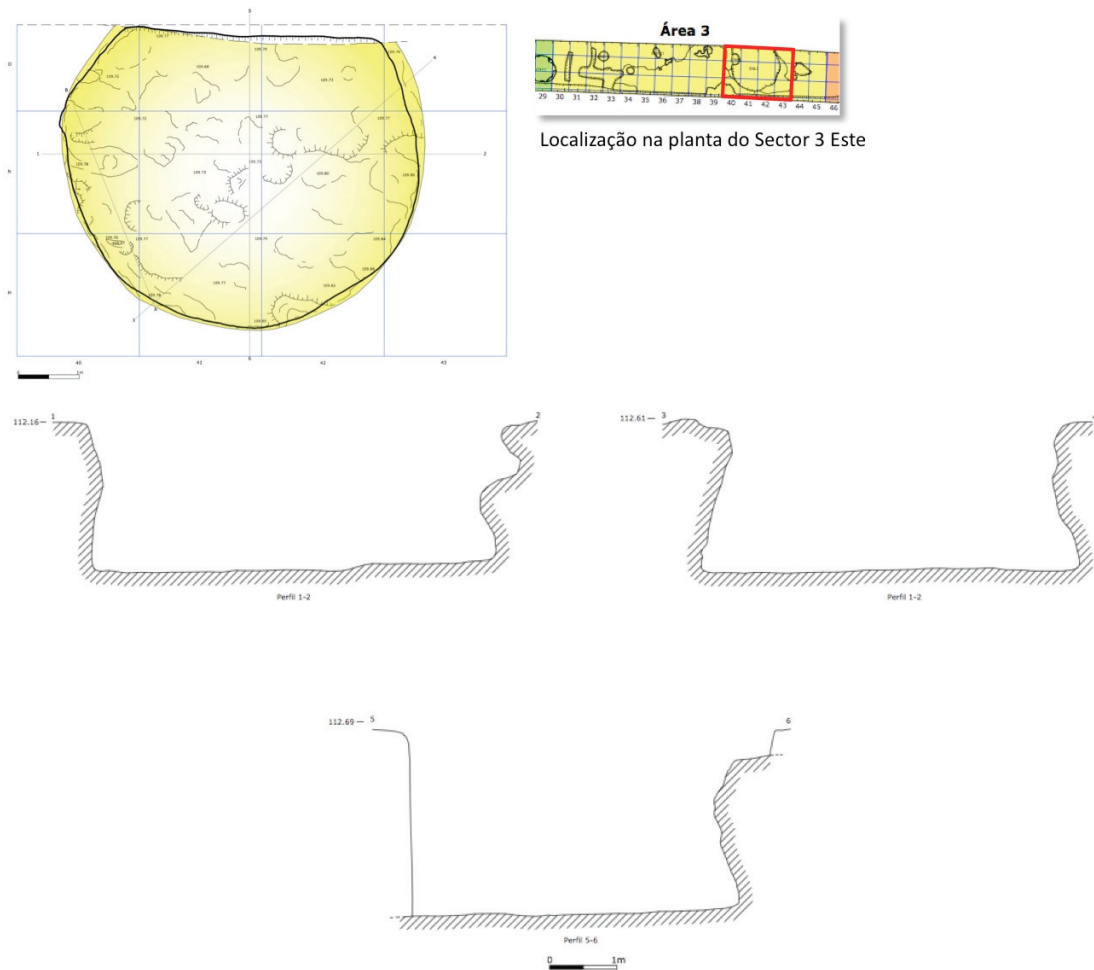


Figura 4 – EN LI: planta final e perfil longitudinal da estrutura, com indicação (em cima, à direita) da sua implantação na Área 3 (Desenhos: Marco Andrade / Joaquim Pinhão / Filipa Rodrigues).



Figura 5 – Evolução da escavação da EN LI: A. Escavação do Horizonte de Solo que ocupa toda a Área 3; B. Topo da estrutura de combustão campaniforme; C. Grandes abatimentos das paredes de calicho da EN LI; D. Topo do nível de abandono da estrutura, com a presença de vários fragmentos de elemento de mó; E. Nível de abandono da EN LI, com o enterramento de canídeos (3) e fragmentos dos grandes contentores de armazenagem (3).

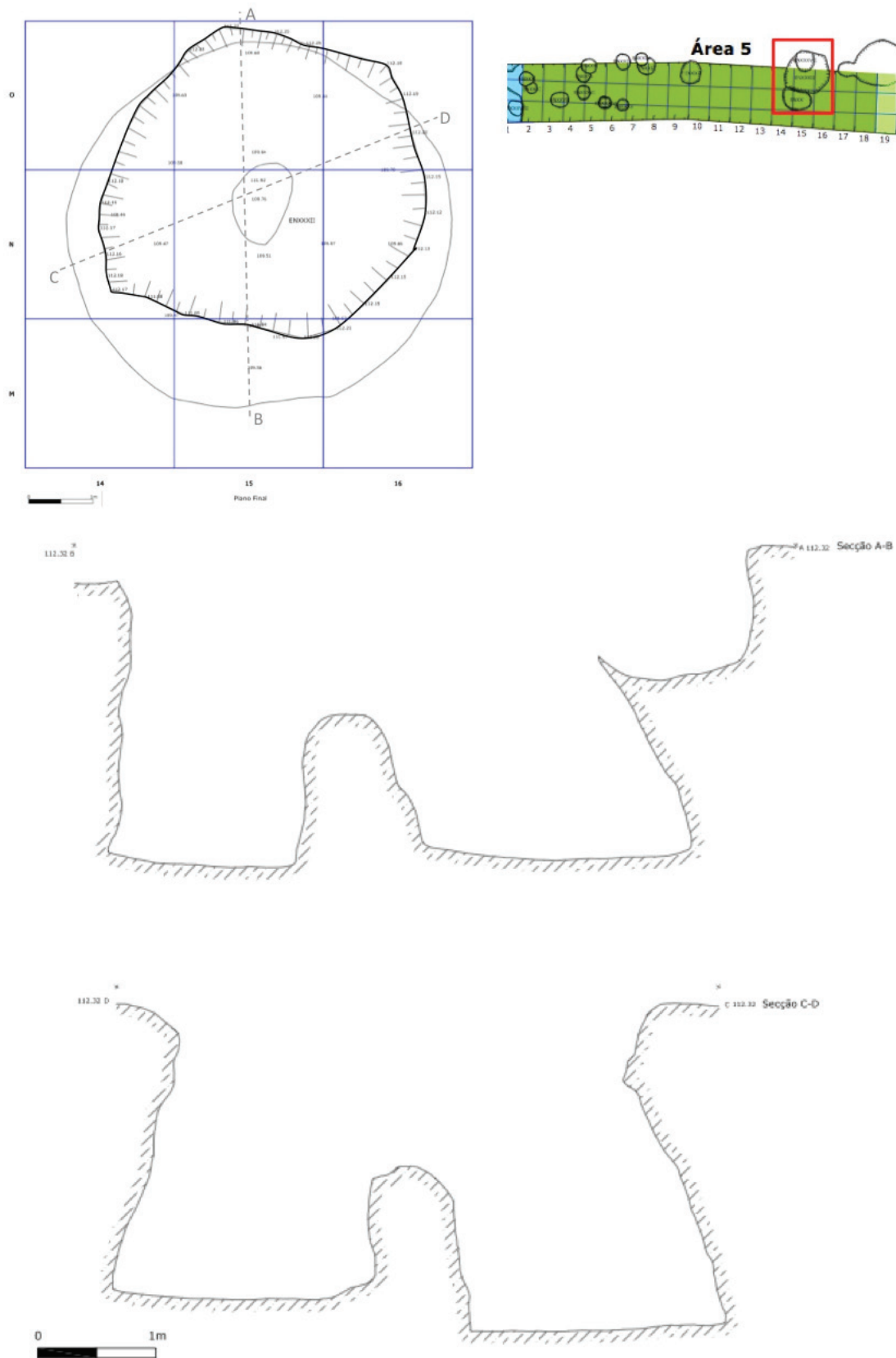


Figura 6 – EN XXXII: planta final (da estrutura circular de maiores dimensões) e perfil longitudinal da estrutura, com indicação (em cima, à direita) da sua implantação na Área 5 (Desenhos: Maria Mantua / Joaquim Pinhão / Filipa Rodrigues).

